Ohiyesa, entre dois mundos: a narrativa de si como resistência

Elmo Jakson Silva Trindade Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ricardo Martins Valle
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em **Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), email: elmotrindade@gmail.com**

1 Professor Adjunto do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação é Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, *campus* Vitória da Conquista).

RESUMO

Na literatura de resistência indígena americana, o papel de Ohiyesa, médico e escritor Sioux, batizado Charles Eastman, é destacado como símbolo de resistência cultural e espiritual. Por meio da narrativa de si vai de encontro à ideologia dominante ao trocar o arco e a flecha pela caneta. Desse modo Eastman apropria-se do discurso literário como retórica de sobrevivência. Este trabalho objetiva apresentar a obra de Ohiyesa como resposta ao desafio de uma vida entre duas culturas.

PALAVRAS-CHAVE: Charles Eastman; literatura indígena; colonialismos.

Introdução

O presente trabalho pretende apresentar de forma preliminar aspectos da composição do discurso autobiográfico e historiográfico de Ohiyesa, escritor e médico Sioux, batizado como Charles Alexander Eastman no universo cristão a que se assimila, principalmente a partir da adolescência. De sua obra emergem questões relativas à narrativa de si como resistência cultural, ao problema da assimilação ao cristianismo como estratégia de sobrevivência e às técnicas de intervenção *por baixo* no interior da cultura hegemônica, fortalecendo o discurso de resistência anti-colonial.

No âmbito das representações, uma das formas de profanação da memória indígena foi a exposição do nativo de forma violenta, atribuindo-lhe um passado selvagem e transformando-o em caricatura na indústria cinematográfica do século XX. A obra de Charles Eastman veio à luz, num tempo pouco anterior à difusão desse produto cultural profundamente nefasto para a

memória das culturas nativas da América do norte, mas num tempo em que a imagem do indígena já era distorcida nas imagens coloniais por meio da difusão da cultura do *far west*, pelos meios de comunicação impressos que circulavam na Costa Atlântica e pela política devastadora de Washington sobretudo por meio do *Bureau of Indian Affairs*, agência do *Department of the Interior*.

A obra de Charles Eastman produz-se em princípio como uma narrativa de si criando uma retórica histórico-biográfica que vai de encontro à ideologia dominante ao mesmo tempo que procura moldar-se a ela e construir pontes, como ele mesmo a define. Usando como arma a "caneta", a conselho de seu pai, Many Lightnings, também Jacob Eastman, o jovem Ohiyesa herda a missão de trocar o arco e a flecha como um gesto de assimilação à língua e à cultura branca, num ato empregado como técnica de resistência e estratégia de vida. Assim, como Charles Eastman, ele poderia, como efetivamente pôde, preservar e transmitir a memória e os modos de vida de seu povo pela apropriação do discurso literário e historiográfico dos brancos como retórica de sobrevivência.

Esta pesquisa procura discutir a complexidade, as contradições e os limites do processo de hibridização do discurso indígena de Charles Eastman a partir de algumas questões que sua obra suscita. Seria justo dizer que, ao usar o discurso híbrido como forma de resistência cultural, Eastman teria sucumbido ao discurso colonial, conformando-se ao processo de etnocídio do povo Sioux? Ou, diferente disso: o modo como Eastman experiência o conflito cultural e religioso entre a cultura indígena e a cultura cristã ocidental demonstraria que a assimilação nem sempre significa perda da identidade cultural indígena? Podemos pensar que paradoxalmente a própria conversão é em sua obra e em sua vida uma forma de resistência à submissão à cultura cristã, porque permite que aspectos importantes da cultura indígena sejam por isso mesmo preservados e, principalmente, que sejam reescritos os estereótipos que tornaram os Sioux provavelmente os mais conhecidos e odiados "índios" do "velho oeste". Em grande parte a ele se deve a composição de uma outra versão do passado indígena, divergente da anulação e da demonização dominantes, justamente pelo fato de Eastman publicizar as raízes culturais do universo em que nasceu, aproveitando-se do prestígio social adquirido no meio social da cultura invasora hegemonizante e utilizando suas ferramentas privilegiadas de produção de memória.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Albert Memmi chama de “imagens coloniais” (MEMMI, 2021, p.20) as representações visuais de regiões e povos colonizados sob o domínio colonial. Essas imagens foram produzidas principalmente pelos colonizadores de origem europeia para fins de propaganda e justificação da colonização, muitas vezes retratando os povos colonizados de forma estereotipada e exótica. Essas imagens desempenharam um papel importante na construção politicamente interessada do imaginário sobre os territórios a colonizar, tendo influenciado a maneira como essas regiões e povos foram percebidos e tratados pelos colonizadores e pela sociedade ocidental de um modo geral, procurando atingir de forma relevante a memória dos povos nativos. Nessa perspectiva, a partir da chamada “Corrida para o Oeste”, o invasor branco criou, ao longo do século XIX, um quadro distorcido do Nativo Americano, visando a legitimar o projeto colonial do vasto território a Oeste do Rio Mississipi.

O historiador Jacques Le Goff define a importância da memória na constituição da identidade: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (LE GOFF, 1990, p. 476). Como processo de memoricídio, segundo Fernando Báez, nos programas civilizatórios de produção de imagens coloniais e de destruição das culturas nativas, assim como em toda guerra a memória coletiva é a primeira coisa que se ataca (BÁEZ, 2010, p. 213). Com efeito, nos empreendimentos coloniais sobre as Américas, produziu-se de forma sistemática e por diversos mecanismos a aculturação, o etnocídio, a destruição dos valores e dos modos de vida do nativo. Segundo Spivak (2010, p. 47), o nativo é considerado violento, pagão e primitivo, características com que se define o “Outro”, constituindo o diferente como uma diferença perniciosa, a ser reduzida e subjugada. As imagens coloniais na conquista do Oeste referendam e são referendadas pelo pensamento messiânico suposto, por exemplo, na ideologia do “Destino Manifesto”, que se apresentou como um dos arcanos ideológicos da política americana que ficaria conhecida como o *Big Stick*, a partir do início do século XX.

Aspecto disso é o processo de dessacralização do sagrado entre os povos indígenas pelo colonizador. Essa forma de esmagamento cultural, contudo, é complexo e multifacetado, envolvendo diferentes estratégias. A imposição da religião do colonizador envolve muitas vezes a proibição da língua, a condenação dos hábitos de perpetuação e reprodução da vida e a

repressão a todas as práticas relacionadas ao sagrado indígena. Como um todo, o processo de invasão envolveu a imposição de uma cosmovisão ocidental que ou negava ou demonizava a existência de entidades espirituais e divindades nas culturas indígenas. Para isso, desenvolveram-se projetos educacionais como a *Carlisle Indian Industrial School* que buscava eliminar todos os elementos que caracterizassem a alma indígena, com o objetivo declarado de convertê-la de forma absoluta ao universo espiritual e produtivo do branco. Para invadir um território da diferença era preciso dessacralizar os próprios locais sagrados e uma das formas da dessacralização foi a transformação do território em mercadoria e a vedação das forma tradicionais de relacionar-se com ele como a caça e o xamanismo, profundamente ligadas entre si e com a compreensão espiritual do território na perspectiva indígena. A isto Eastman se contrapõe estrategicamente com uma fala do famoso chefe guerreiro Crazy Horse, que indagava: "*How can you buy or sell the sacred?*" (EASTMAN, 1916, p. 260).

O interesse por tal *corpus* de estudo sobrevém por influência do resgate do movimento cultural indígena, e tem como objetivo apresentar a obra de Ohiyesa ao público de língua portuguesa numa perspectiva cultural-filosófica pós-colonial, conforme Homi Bhabha, cruzando-o com as possibilidade indicadas pelo conceito de "literatura menor" (DELEUZE-GUATARRI, 2022). Assim, quando analisamos o objeto de pesquisa sob a ótica cultural, o texto literário e autobiográfico é descrito numa abordagem qualitativa, de crítica histórica, procurando reconstituir os apagamentos e distorções do passado pela reinserção de fontes invisibilizadas nas dinâmicas da atualidade.

METODOLOGIA

Com o objetivo de tentar responder às indagações suscitadas na leitura tomamos como escopo de estudo a vida do povo Sioux, ou Lakota, da região dos atuais Estados de Montana, Wyoming, Dakota do Sul, Dakota do Norte e Nebraska, equivalente ao vasto território da bacia do Rio Missouri, por onde os Lakotah, designaos como Sioux pelos Cheyenne, com quem os Lakotah mantiveram relações amistosas desde que estabeleceram contato no final do século XVIII. Para isso, nos debruçamos sobre a obra de Ohiyesa, Charles A. Eastman, particularmente em sua reflexão autobiográfica intitulada *From the Deep Woods to civilization* (1916). Por meio de pesquisa bibliográfica usada como suporte documental empreendemos o estudo de temas que nortearam a autobiografia de Charles Eastman, sua relevância para a sua própria contemporaneidade e sua contribuição para a compreensão das questões atuais envolvendo a

população indígena e suas interações com a sociedade envolvente. Assim, a literatura de Ohiyesa pode oferecer *insights* valiosos sobre a complexidade do encontro entre diferentes culturas e a importância da preservação dos valores culturais e da identidade dos povos originários de toda a América.

A obra de Ohiyesa pode ajudar-nos a compreender questões de dominação e opressão, bem como os impactos da colonização e do racismo na vida e na cultura dos povos indígenas. Seus escritos podem ser lidos e estudados à luz desses debates contemporâneos e contribuir para um diálogo intercultural mais profundo e enriquecedor. Dessa forma, primeiramente buscaremos elencar o quadro teórico e conceitual para sustentar as reflexões sobre a obra em questão. Logo depois, debruçaremos sobre o texto literário-historiográfico, *From the Deep Woods to Civilization*. No levantamento bibliográfico secundário, com que temos conduzido a pesquisa qualitativa e exploratória, realizamos a coleta de produções acadêmicas sobre o autor procurando estabelecer a recepção crítica de sua obra ao longo do século XX.

Conclusão

A autobiografia de Charles Eastman trazida para o debate em língua portuguesa no Brasil pretende dar forma a configurações históricas obliteradas em processos de memoricídio e assim contribuir na recuperação da identidade, da cultura e dos modos de vida do Nativo Norte-Americano, reativando a voz do "Outro" silenciada pelas diversas formas de caricaturização de sua existências. A pluralidade de vozes na obra de Eastman se evidencia quando o autor se coloca como "ponte" entre os dois mundos entre os quais ele viveu: a cultura indígena lakotah e a cultura ocidental cristã, operando de forma muito consciente o processo de hibridização que o envolveu (BHABHA, 2007, p. 311). Desse modo, observamos que a literatura autobiográfica de resistência de Charles Eastman foi a "arma" que procurou descontruir os estereótipos imposto aos povos Nativos Americanos e reafirmar as forças da identidade de seu povo.

REFERÊNCIAS

BÁEZ, Fernando. **A Destruição Cultural da América Latina**. Rio de janeiro: 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses**: Rio de Janeiro:

Rocco, 2011.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Kafka Por uma Literatura** Menor. Ed; 5 - Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

EASTMAN, Charles A., **"From the Deep Woods to Civilization Chapters in the Autobiography of an Indian"** (1916). Settler Literature Archive. 10.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 2º ed. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1977.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.